

Saúde e Humanos
Saúde e Direitos Humanos

Ano 5, nº 5, 2008

Saúde e Humanos

MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ



Brasília - DF
2009

©2004 Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz.

A responsabilidade pelo conteúdo dos textos assinados é do autor ou autores e os direitos autorais cedidos ao Núcleo de Estudo em Direitos Humanos e Saúde Helena Besserman (NEDH) – Fundação Oswaldo Cruz – Ministério da Saúde. A coleção institucional do Ministério da Saúde pode ser acessada na biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde: <http://www.saude.gov.br/bvs>
O conteúdo destas e de outras obras da Editora do Ministério da Saúde pode ser acessado na página: <http://www.saude.gov.br/editora>

SAÚDE E DIREITOS HUMANOS

Ano 5, número 5, 2008

Publicação periódica anual editada pelo Núcleo de Estudo em Direitos Humanos e Saúde Helena Besserman (NEDH) – Fundação Oswaldo Cruz – Ministério da Saúde, destinada aos profissionais e estudantes de graduação/pós-graduação que atuam e/ou têm interesse na temática de Direitos Humanos e Saúde no Brasil, em Portugal, na América Latina e na África de língua portuguesa.

Tiragem: 1.000 exemplares

Trabalho elaborado em 2008 e impresso em 2009.

Coordenação, distribuição e informações:

Núcleo de Estudos em Direitos Humanos e Saúde Helena Besserman (NEDH)
Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria
Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz/Ministério da Saúde
Av. Leopoldo Bulhões 1480, Térreo
CEP: 21041-210, Rio de Janeiro – RJ
E-mail: nedh@ensp.fiocruz.br
Home Page: <http://www.fiocruz.br>

Editora responsável:

Prof. Dr. Nair Teles

Coeditora:

Prof. Wanda Espírito Santo

Conselho Editorial: Alberto Lopes Najar, Antenor Amâncio Filho, Antônio Ivo de Carvalho, Lícia Valladares, Madine Vanderplaat, Marcos Besserman Vianna, Maria Josefina Sant'Anna, Patrícia Audi, Paulo Duarte de Carvalho Amarante, Sérgio Tavares de Almeida Rego.

Chefe da coordenação de Comunicação Institucional:

Ana Cristina da Matta Furniel.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Tatiana Lassance Proença

EDITORA MS

Documentação e Informação
SIA, trecho 4, lotes 540/610
CEP: 71200-040, Brasília – DF
Tels.: (61) 3233-1774/2020
Fax: (61) 3233-9558
E-mail: editora.ms@saude.gov.br
Home page: <http://www.saude.gov.br/editora>

Equipe Editorial:

Normalização: Solange Jacinto
Revisão: Fabiana Rodrigues e Khamila Silva
Diagramação: Renato Barbosa

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Ficha Catalográfica

Saúde e direitos humanos / Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz, Núcleo de Estudos em Direitos Humanos e Saúde Helena Besserman. – Ano 5, n.5 (2008). – Brasília : Editora do Ministério da Saúde, 2009.

Anual

ISSN 1808-1592

1. Saúde pública 2. Direitos humanos I. Brasil. Ministério da Saúde. II, Brasil. Fundação Oswaldo Cruz. Núcleo de Estudos em Direitos Humanos e Saúde Helena Besserman. III. Título.

CDU 614

Catalogação na Fonte – Coordenação – Geral de documentação e informação – Editora MS – OS 2009/0402

SUMÁRIO

Editorial	5
A Nova era das Migrações Moçambicanas Em Joanesburgo <i>Dominique Vidal</i>	7
Le Nouvel age des Migrations Mozambicaines A Johannesburg <i>Dominique Vidal</i>	25
Segurança Alimentar e Direito à Alimentação: Ideologia, Política e Justiça Social <i>Catherine Bélair.....</i>	45
Sécurité Alimentaire et Droit à L'alimentation: Idéologie, Politique et Justice Sociale <i>Catherine Bélair.....</i>	55
Saúde: Um Direito Fundado na Fraternidade <i>Sandra Regina Martini Vial.....</i>	65
Aids em Manguinhos: Limites e Possibilidades de uma Experiência Local <i>Celina Santos Boga Marques Porto; Edith Mesquita; Eliane Cardoso; Eliane Chaves Vianna e Idenlva Silva de Lima.....</i>	87
Direitos Humanos pra Quem? <i>Ivanir dos Santos e Lélia Gonzalez</i>	101
O Direito à Saúde de Adolescentes Cumprindo Medidas Socioeducativas de Privação de Liberdade <i>Fernando Manuel Bessa Fernandes; Marcelo Rasga Moreira e Mônica de Rezende.....</i>	111
A Participação Leiga nos Rumos da Ciência: De Embriões à Maternidade Assistida <i>Claudia Fonseca</i>	127

**Corpo, Prazer, Constrangimento:
Linguagens Cotidianas**

Vanda Silva..... 143

Controle Social e Democracia

Antenor Amâncio Filho;

José Luiz Telles e

Ana Paula Abreu Borges..... 161

Controle Social no SUS: Aspectos Constitucionais e Legais dos Conselhos de Saúde

Flávia Silva de Oliveira..... 169

Instruções aos Colaboradores..... 189

Assinaturas..... 195

CORPO, PRAZER, CONSTRANGIMENTO: LINGUAGENS COTIDIANAS

Vanda Silva¹

¹ Doutora em Ciências Sociais. Investigadora de Pós-doc/ F.C.T. (Fundação para a Ciência e a Tecnologia), no I.C.S.-U.L. (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal). Colaboradora e Editora Adjunta da Revista *Ruris* do CERES/I.F.C.H./UNICAMP (Centro de Estudos Rurais, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas-SP, Brasil). E-mail: vanda.aparecida@ics.ul.pt; vandas7@yahoo.com.br.

Resumo: As reflexões presentes neste texto dizem das experiências de distintos sujeitos sociais com a sexualidade. A partir de conteúdos emergidos de uma pesquisa realizada no Vale do Jequitinhonha-MG; outra, ainda em andamento, numa Aldeia no Baixo Alentejo (Portugal), juntamente com inspirações de outros autores, construo um trabalho situado entre leituras de antropologia e contributos para a saúde de diferentes profissionais que atuam com o humano. Com este trabalho pretendo refletir sobre até que ponto, na sexualidade, o direito ao prazer e ao bem-estar é prioridade, tanto para os próprios sujeitos sociais como para os profissionais (que trabalham com o humano), principalmente, frente à cultura da prevenção das DST/aids, se a linguagem de contextos específicos e as particularidades das experiências sociais não forem consideradas (por ambos), contemplando as inseguranças, o desejo e as emoções.

Palavras-chave: Jovens. Rural. Sexualidade. Corpo.

1 Introdução

O interesse pelo corpo e pelo sexo tornou-se tema da atualidade, principalmente quando a conduta sexual da população passou a ser alvo de diferentes especialistas nas esferas médica, política, pedagógica, religiosa e econômica. Para as Ciências Sociais e para a Antropologia este não é um objeto de estudo novo, embora, no âmbito desta matriz disciplinar, e nos seus primórdios, estivesse demarcada dentro de um conjunto que considerava as "regras que regulavam a reprodução biológica e social de uma dada comunidade" (HEILBORN; BRANDÃO, 1999, p. 7).

Outras formas de investigar os corpos, as corporalidades e as identidades abarcam eixos relacionados à sexualidade. Estes foram sensivelmente marcados pelo advento dos métodos contraceptivos hormonais (anos de 1960), a epidemia de HIV/aids (na década de 1980), fazendo com que a sexualidade assumisse status e legitimidade enquanto campo de estudo. Propagada por diferentes veículos de comunicação, a sexualidade tem sido foco para múltiplos discursos e pesquisas. A questão é que no cerne dos debates ora aparece associada à questão dos direitos ora à problemática social, conclamando a sociedade a intervir. A educação e a escola são convocadas, sobretudo quando o assunto é a iniciação sexual e os jovens são os primeiros alvos, devido à preocupação com a "gravidez na adolescência". Daí veem-se inúmeras campanhas favoráveis (e contrárias) à "educação sexual" nas escolas, à distribuição gratuita de preservativos e pílulas anticoncepcionais; palestras ministradas, na maioria, por profissionais da saúde, médicos e enfermeiros, sobre o uso dos métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis, que foram solicitadas.

Todavia, neste texto a intenção não é defender isto ou aquilo, mas a partir disto e do cenário contemporâneo em torno da sexualidade, trazer alguns elementos que dizem da linguagem cotidiana, de jovens e adultos, com a sexualidade, em dois contextos rurais: um brasileiro e outro português (com abordagens ainda exploratórias). Minha preocupação é problematizar os discursos que são construídos sob formatos de informação acerca da prática sexual, sobretudo, para grupos sociais que estão em transformações, seja no campo dos valores e comportamentos, seja no social e político. E questionar se estes discursos podem, realmente, contribuir para que as experiências sexuais destes sujeitos traduzam a interiorização dos direitos plenos, ou, ao contrário, potencializam inseguranças. Assim, e no plano da sexualidade, dos debates acerca dos corpos e da construção das corporalidades, considerar o desejo e o prazer como expressão de bem-estar e saúde, principalmente quando estes não são negados ou vividos sob penas morais e sociais, mas uma possibilidade de abordagem e conhecimento sobre o outro.

2 No cotidiano dos sujeitos

A sexualidade entre os jovens¹, seja de Rosário das Almas², seja na pesquisa³ com jovens de origem rural, residentes numa Aldeia portuguesa do Baixo Alentejo⁴, tal como se configurou na pesquisa realizada no Brasil e vem se revelando no estudo alentejano, acabam por demonstrar que o biológico e o reprodutivo são apenas um dos aspectos de algo mais amplo da cultura sexual.

Nesta abordagem o corpo transcende a imagem do corpo (de homens, mulheres, jovens e crianças que vivem em meio rural), visto apenas como aparelho de reprodução e de trabalho, ou veículo que ultrapassa as fronteiras na procura de trabalho, mas, o corpo de que se fala também é corpo de festa, instrumento de prazer, de afetos, dores e desejos. Porém, há um hiato que repousa numa relação ambígua que estas pessoas estabelecem com o prazer, principalmente se se considerar a forma incompleta da expressão oral dos depoentes, a julgar pelos depoimentos fragmentados que se pode observar. Esta oralidade sugere, antes, uma atitude (corporal) insegura com a expressão de prazer. Então, a corporeidade e os afetos vividos e sentidos pelo corpo, e a partir deste, colocam em questão a palavra, os gestos e também, a linguagem escrita (por meio de cartas, bilhetes ou, como no caso português, também as mensagens por meio dos aparelhos de celular) enquanto expressão movida por sentimentos de amor-paixão e de insegurança.

Deste modo, sublinho que não há em Rosário das Almas (e também na Aldeia Alentejana) a verbalização fácil do amor, dos sentimentos, apesar das fofocas, dos boatos, dos comentários sobre as pessoas, sobre namoros, casos extraconjugais, tudo isso se dá de modo indireto e paulatinamente, num tempo indeterminado à revelação. Porém, mesmo quando não verbalizam explicitamente

¹ Este trabalho foi realizado no período de 2000-2005, e resultou na tese de Doutorado em Ciências Sociais (Fapesp) no IFCH/Unicamp. A tese está publicada com o título *As flores do pequi. Sexualidade e vida familiar entre jovens rurais*. Campinas: CMU-Publicações e Editora Arte Escrita; São Paulo: FAPESP, 2007. Os dados e análise aqui esboçados traduzem, com alterações, conclusões parciais do referido trabalho.

As entrevistas com os jovens brasileiros concentraram-se na faixa etária dos 14-19 anos de idade, mas outros na faixa etária subsequente também foram entrevistados. Na pesquisa portuguesa, adota-se o mesmo procedimento.

² O nome é fictício. Na divisão geográfica, o município pertence ao Alto Jequitinhonha – Minas Gerais. Originou-se da migração de ex-escravos e aventureiros à captura do ouro anunciado nas águas do rio Capivari, nos idos de 1728. Conta com 15.000 habitantes (Fonte: IBGE, *Cidades@, Censo demográfico 2000*). Os moradores das comunidades rurais vivem da agricultura de aprovisionamento e das migrações para outras regiões do Brasil, enquanto driblam os longos períodos da seca nesse ambiente de chapada: terras planas e elevadas com limitadas nascentes d'água (Galizoni, 2000). Também já se constata no município e região do Vale do Jequitinhonha, as migrações internacionais à procura de trabalho.

³ Pós-doutoramento intitulado "Experiências e representações de sexualidade entre jovens portugueses em meio rural". ICS/FCT (Inst. de Ciências Sociais da Univ. de Lisboa/Fundação para a Ciência e a Tecnologia) – Portugal.

⁴ Trata-se de uma Aldeia com 1.500 habitantes e está localizada na zona de fronteira Portugal (Alentejo) – Espanha (Andaluzia). Fonte: *Caracterização Genérica do Concelho de Serpa, C.M.S., 2001*. Neste texto opta-se pela não identificação do nome da Aldeia. Os seus moradores vivem dos cultivos de olival, culturas industriais (por exemplo, o azeite), pastagens permanentes; a pecuária também é expressiva na criação de ovinos, aves e suínos. Além dos pequenos comércio, de roupas, alimentos, remédios; atendimentos nos cafés e restaurantes; serviços administrativos na Junta de Freguesia, no Banco, outras repartições públicas.

seus sentimentos, outros aspectos subjetivos da sedução vão ganhando forma e os corpos vão desempenhando o idioma que traduz a especificidade cultural para que haja a aproximação entre rapazes e moças, driblando os olhares vigilantes. Algo semelhante venho encontrando também entre os moradores da Aldeia Alentejana, e tal observação também estende-se à investigadora, posto que somente depois de um determinado tempo, entre avanços e recuos nos testes de averiguação sobre a "pessoa", é que começam a se revelar.

Em Rosário das Almas, durante a noite continua a vigília dos pais, no entanto, parece-me que é possível driblar os adultos (velhos) que estão mais interessados em que os jovens permaneçam dentro de suas casas. Entretanto, os jovens arrumam os pretextos mais variados para saírem de casa. Nessas saídas têm a possibilidade de consumir as paqueras, os flertes que foram despertados durante o dia ou mesmo numa outra noite qualquer. Então, namorar ou, simplesmente, "ficar"⁵ acaba por ter as conotações da frustração, pois se os jovens que estão interessados um no outro não têm um local para estarem a sós, acabam tendo que escolher locais mais escondidos dos olhos vigilantes, o que, por outro lado, se trata de um desafio. Muitas vezes são locais escuros, por exemplo, atrás da igreja, uma casa abandonada, um espaço a céu aberto e distante... como no depoimento de uma moça (17 anos, de uma comunidade rural morando no núcleo urbano, 3º ano do Ensino médio) sobre uma experiência de intimidade que teve com um rapaz: "Foi mais ou menos numa casa assim, uma assim... Não tinha ninguém na casa, assim. Foi num lugar assim de um nada, assim". Enfim, situações que são tensas, pois se desejam e desejam estarem a sós, porém, temem serem descobertos. Como se realizar o desejo fosse realizar um sonho, uma transgressão sonhada. O desejo, assim, é ambiguidade tanto pode ser decisão como pode ser carência. (CHAUÍ, 1990, p. 22-23).

Os sujeitos sociais de Rosário das Almas, da Aldeia Alentejana que venho estudando e, talvez, de tantas outras localidades, jovens e adultos no seu desejo de visão sobre os corpos, sobre as coisas do mundo, sobre o outro, têm no rosto o principal foco para a avaliação de uma pessoa – homem ou mulher, rapaz ou moça – que venha de fora. Inicialmente, seus olhares funcionarão como Raios-X sobre o (a) visitante dando-lhe em seguida algum adjetivo qualificativo: bonito(a) ou feio(a), simpática(o) ou antipática(o); ou dirão, metido(a). Difícil definir ou interpretar como os moradores, por meio de uma análise a priori, qualificam ou desqualificam alguém. Muitas vezes, julguei que as avaliações tinham

⁵ Denominação usada, principalmente entre os jovens para expressar um relacionamento amoroso de curta duração, podendo ter relação sexual ou não; relacionamento sem compromisso em que duas pessoas se tocam, trocam beijos e carícias (SILVA, S. P., 2002).

algo de enigmático. No cotidiano, entre jovens e adultos, volta e meia me vi questionando: “mas por que não gostam daquela pessoa?” Algumas vezes percebia que havia um componente de controle, medo de perder o poder ou coisa parecida, pois quem era alvo de algum tipo de comentário depreciativo – o(a) visitante – estava destinado a ocupar alguma posição de relativo poder (como trabalhar em algum cargo da prefeitura local, um médico recém-chegado para assumir o Centro de Saúde), por exemplo. Ribeiro (2003) chama atenção para o fato de que o rosto é um referencial importante para a identidade (social e sexual). É por meio do rosto que, socialmente, se identifica; portanto é no rosto que mais se investe.⁶

Em outras ocasiões pessoas das quais alguns moradores diziam gostar também sofriam algum tipo de observação sobre uma parte do corpo de que não gostavam ou de todo o conjunto, pois diziam: “fulano(a) é feio(a), tem o nariz grande, tem uma bunda muito grande, o cabelo feio”. Poderia dizer que há neste município grupos que são distinguidos por meio de estereótipos, mas talvez tal afirmação seja pouco eficaz diante de realidades tão flutuantes, principalmente sobre o que diz sobre si ou como se veem uns aos outros cotidianamente, pois os comentários, as observações podem estar muito marcadas pelas emoções, mesmo as que não são conscientes e, assim, influenciar também nos valores, “nos pensamentos e atos articulados das pessoas”, como observa Alison M. Jaggar (1997, p. 169). Não é menor a flutuação e o grau de julgamento que é atribuído ao “estrangeiro” como o que venho observando em um outro contexto sociocultural, numa Aldeia portuguesa do Baixo Alentejo. Por exemplo, quando os moradores não estão satisfeitos com o atendimento do médico local, que é de nacionalidade indiana, passam a chamá-lo em tom ofensivo de “negro”.

Desta maneira, a imagem, talvez, seja o ponto de maior vulnerabilidade, uma vez que poderá despertar as mais variadas interpretações, pois se trata de uma preocupação sobre si, sobre o que se está emitindo e o que o outro estará pensando a seu respeito, a partir da sua percepção. Mesmo que, em alguns momentos, tudo não passe de uma encenação, uma dissimulação.⁷ Portanto a consciência de si surge enquanto experiência e pode, também, ser a de um corpo constrangido.

⁶ Ver *O Retrato de Dorian* (Oscar Wilde).

⁷ Como no depoimento de uma moradora do núcleo urbano (40 anos, casada) de Rosário das Almas: “Aqui eles te matam e depois vêm chorar no seu caixão”.

3 Constrangimentos: a intimidade divulgada

Tal como no comportamento de um rapaz entrevistado de Rosário das Almas (15 anos, de uma comunidade rural morando temporariamente no núcleo urbano) que disse à pesquisadora que, para seus colegas masculinos, principalmente os da escola, acabava tendo que esconder sobre sua virgindade, considerando o fato de que ele, até aquele momento de nossa primeira conversa, não tinha tido a experiência de ter relações sexuais com ninguém; porém, quando o rapaz dizia (a outros rapazes) que já havia beijado e trocado carícias íntimas, era para que estes não duvidassem de sua virilidade ou mesmo de seu gosto pelas moças. Pois, estar em espaço público é estar com outros rapazes, é estar *entre homens* e pertencer a este espaço e por isso mesmo tenha que, por intermédio da expressão verbal, comprovar a seus amigos a sua *performance* de rapaz *ativo*, viril. Mesmo que tal afirmação sirva apenas para despistar a curiosidade e ansiedade dos outros rapazes, talvez, mais *ativos* (JARDIM, 2001). Deste modo, realçando um aspecto predominante da vida dos jovens que diz deste terreno de demarcação da entrada na sexualidade, posto que esta “se faz por meio do olhar e do controle dos parentes e dos mais velhos [...]” (BOZON, 2004, p. 27), mas, também dos pares, sejam masculinos ou femininos.

Em outro caso, uma moça (17 anos, de comunidade rural morando no núcleo urbano, 3º ano do Ensino Médio) fala da sua dificuldade de lidar com as carícias e aceitá-las, mas principalmente de saber que sua intimidade passara a ser motivo de comentários devido a sua recusa em se entregar a um rapaz (18 anos, de comunidade rural). Em seu depoimento a moça diz que os comentários do rapaz com quem, inicialmente, tivera uma experiência de “ficar” a magoara, pois ela era virgem e isso não poderia ser motivo de gozação: “[...] Falou um bocado de coisas, sabe! Que ele me achava... esquisita... por causa de que eu não quis transar com ele. Só que no dia que ela falou pra mim isso, ele saiu do meu coração assim, ó, de uma vez por todas!” (17 anos)

Para esta moça, ninguém gosta de ser exposto, de ter a sua intimidade divulgada. Diante disso, a intimidade que “abriga a subjetividade e a intersubjetividade, assim como as manifestações da sexualidade” (BOZON, 2004, p. 35), está vulnerável, portanto, a toda manifestação que intente romper com o pudor em torno de tudo que esteja diretamente relacionado ao corpo e ao sexo; pois, está subentendido que há esferas da vida humana que estão divididas entre o que é público e o que é privado, um comportamento público e outro clandestino.

No entanto, porque na prática do "ficar" há a marca da *imprevisibilidade*, podendo haver ato sexual num encontro casual ou não, é que, para as moças, o constrangimento quanto à decisão no controle dos cuidados com o seu corpo, aumenta. Posto que nisso há a implicação da contracepção e o uso do preservativo masculino à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Situação que fica tanto mais acirrada quanto mais houver a predominância da *assimetria de gêneros*, sobretudo se vivem em contextos onde prevaleça e se revele nos encontros sexuais, a autoridade e o prestígio masculino. (HEILBORN et al, 2002, p. 22).

Em alguns dos depoimentos de Rosário das Almas, no Vale do Jequitinhonha, o conteúdo das brigas dos jovens enamorados não era suficientemente explicitado devido ao sentimento de pudor do(a) depoente, sensivelmente quando os motivos que deram início aos impasses, diziam da pressa do rapaz em avançar nas carícias; querer ter penetração genital sem preservativo na contrapartida da recusa da moça por medo de ficar grávida, por exemplo. Afinal, o que elas querem pode ser justamente o contrário. Tal como no caso da depoente (16 anos) ao me dizer que eles "ficavam" e logo terminavam, porém não se perdiam de vista tampouco deixavam de se provocarem. Quando lhe perguntei sobre seus sonhos, seus projetos, primeiramente ela me falou de viajar pelo mundo, trabalhar e viajar, mas logo em seguida, resume dizendo que deseja casar-se com o rapaz, este é o seu sonho.

Neste sentido, no caso brasileiro, o rapaz ao pressionar a moça para que mantivesse relação sexual com ele reproduz a norma ou o padrão de masculinidade vigente, manipulando-a para que o seu desejo fosse satisfeito, na contrapartida correspondente de que a moça o satisfaça. No caso da Aldeia portuguesa que venho pesquisando, as jovens não utilizam a virgindade como uma estratégia para o matrimônio, ao contrário, para algumas, o fato de estarem apaixonadas e ou o desejo de não ser mais virgem é um forte ingrediente para que venham a ter a sua primeira relação sexual.

Nos relatos de experiências e trajetórias amorosas-sexuais vividas pelos jovens de Rosário das Almas por meio do "ficar", e tomando o caso explorado, pode-se verificar que, embora entre as moças que estão nas áreas urbanas do município se observe uma relativa igualdade em comparação com os rapazes tanto no trânsito pelos espaços – da casa para rua, da rua para casa e outros espaços entre comunidades rurais e distritos – bem como no engajamento nas conquistas amorosas, percebe-se que as moças vivem com maior ênfase nos sentimentos como a ansiedade frente às novas demandas. O sentimento de ansiedade também aparece entre os

rapazes nas situações de conquista amorosa, tanto pelo medo da rejeição quanto da não concretização do ato sexual. Todavia, para muitas moças do município do Vale do Jequitinhonha, está presente o discurso de não mais aceitar a dominação sexual masculina, principalmente quando elas me dizem que se negam a “transar” com o rapaz quando não se sentem preparadas; que querem ter sua experiência sexual sem o risco de uma gravidez. Entretanto, quando tentam colocá-las em prática, são confrontadas com valores e práticas vigentes que correspondem ao “padrão duplo de moralidade”⁸ e, novamente, repõe-se a distinção da moça virtuosa: decente e a moça sem virtude: vadia. Logo, a que está para o casamento e a que está para a diversão.

4 O prazer entre “erros” e “acertos”

Algumas moças têm experiências que dizem de quando o prazer⁹ é vivido sob o medo, quando a excitação provoca embaraço e também pode despertar no outro – neste caso, no rapaz – o sentimento de rejeição de seu corpo, principalmente de seu pênis, posto que pode se tratar da primeira vez de intimidade com uma moça. Muitas vezes, as iniciações sexuais de rapazes e moças podem ser marcadas por surpresas e risos... nervosos. Na narrativa de um outro momento de sua experiência sexual, a depoente (17 anos, de comunidade rural morando no núcleo urbano, 3º ano do Ensino Médio, Rosário das Almas) fala de uma situação que colocou o rapaz em constrangimento. Talvez porque este rapaz quisesse provocar uma situação de maior intimidade corporal com a jovem, e já tendo tido as primeiras trocas de carícias, beijos e abraços, baixou suas calças e exibiu o pênis para a mesma. Isso a levou a um estado de riso: “(rindo) Sem mais nem menos! (...) Eu falei: ‘não, eu não estou a fim de ficar com você, não’ (risos). Aí ele falou assim: ‘então você não gosta de mim’. Eu falei: ‘bom, isso não é motivo de’u gostar’. Ele falou assim: ‘então você não gostou de mim, do meu corpo’. Eu falei: ‘ah, não... Até porque eu nunca vi homem nenhum assim’. (...) Eu não olhei, eu não observei direito porque eu não aguentei, sabe. Eu não sabia se eu estava assustada, se eu estava traumatizada, eu só estava rindo. Eu quase morria de rir. Eu não aguentei, eu não suportei, sabe, aquela coisa d’ele ficar descendo as calças...”

⁸ Qual seja, a ideia de que coexistem modelos de comportamentos distintos: um rígido em relação às mulheres e outro flexível em relação aos homens. Aos homens, liberdade sexual; às mulheres, cobrança com relação ao recato, à honestidade, à preservação da virgindade.

⁹ Cf. Nicola Abbagnano, “[...] a mais famosa definição do Prazer foi a de Aristóteles, que, aliás, utilizava os conceitos de Platão: ‘Prazer é o ato de um hábito conforme a natureza’ (...). Hobbes voltava à definição biológica, vendo no Prazer o sinal de um movimento proveitoso ao corpo, transmitido pelos órgãos sensoriais ao coração’. Nietzsche afirmava: ‘o Prazer: sensação de maior potência...’. A psicologia moderna manteve as características tradicionais atribuídas ao Prazer: reiterou sua função biológica, mas ao mesmo tempo, com base na observação, também confirmou o caráter ativo que Aristóteles reconhecia no Prazer.” DICIONÁRIO de Filosofia, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 786-787.

O depoimento de experiência de intimidade, como no caso da moça citada, pode ser interpretado como algo que desencadeou uma contrarresposta social; ou seja, a partir de uma realidade frustrada ou experiência "malsucedida", a moça ou o rapaz poderão ter a sua intimidade exposta por meio de comentários que os desqualificam publicamente. Isto, de certo modo, pode também ser analisado como uma particularidade de um microcosmo da intimidade ou um processo de aprendizagem que se pressupunha; porém, o fato é que no que diz respeito às questões da sexualidade, sobretudo em populações cujo diálogo – entre pais e filhos ou instituições como escola, igreja – esbarra em tabus, há muito que as experiências são muito mais enfatizadas em "erros" do que "acertos", em conflitos psicológicos como medos e culpas do que prazer. Tais conflitos assumem uma dimensão moral que colocam em xeque o sentimento de autoestima dos sujeitos sociais, de tal maneira que o menor descuido nas situações de intimidade pode ser "um destruidor de mundos". (WOLF, 2000, p. 33).

Em Rosário das Almas, o que os depoimentos e observações de campo apontam é que os rituais de iniciação das experiências sexuais são muito mais marcados por medos, principalmente os da gravidez. Sentimentos de medo que veem acompanhados da culpa por estar escondendo dos pais a perda da virgindade, portanto, de estar fazendo algo que é considerado "errado". Em muitas situações, há também as desconfianças das moças com relação aos rapazes, quanto ao uso do preservativo, posto que o que desencadeia tal desconfiança é quando ocorre uma gravidez, mas o rapaz diz que usou o preservativo. Em alguns casos, prevalece a ideia de que o rapaz mentiu para a jovem, não se cogitando a hipótese de que tal concepção pode ter sido fruto de um preservativo mal colocado ou mesmo que este rompeu durante o ato sexual. Assim, ressalto que a questão do uso do preservativo masculino ainda é uma matéria que não está suficientemente incorporada ao universo dos costumes dos jovens, tampouco dos demais moradores adultos, muito menos a combinação do uso do preservativo e da pílula anticoncepcional à prevenção da gravidez indesejada e das doenças sexualmente transmissíveis.

Na Aldeia Alentejana, entrevistando três rapazes (de 17, 17 e 22 anos, respectivamente), acerca de suas primeiras relações sexuais, soube que estas ocorreram em diferentes espaços: dentro de um banheiro (público); num quarto da casa (enquanto os pais não estavam); num colchão colocado em um terreno a céu aberto... Questionei-os se tinham atenção em colocar o preservativo. Antes que terminasse a pergunta, estes já se adiantavam em me dizer que, "seguramos na ponta, mas... às vezes, ele estoura!", "acontece...", "deve ser a pressão!", argumentaram entre

risos¹⁰. E em seguida veio a informação por parte de um dos rapazes, que ele já comprara a "pílula do dia seguinte"¹¹. Em Rosário das Almas, por outro lado, a precariedade econômica juntamente com o constrangimento social e o pouco (ou nenhum conhecimento) sobre os direitos, impossibilita aos jovens a autonomia de comprar (ou adquirir gratuitamente) o preservativo, a pílula anticoncepcional, menos ainda a "pílula do dia seguinte", por exemplo. Durante a pesquisa etnográfica soube de casos (em que se tinha relativa autonomia financeira), em que se podia pagar por um medicamento (caro) utilizado para tratamento da úlcera péptica, também com efeitos abortivos. Outro recurso utilizado, em caso de concepção, é a ingestão de chás à base de raízes e ervas que podem provocar o aborto. Daí, algumas moças e mulheres, sobretudo as que têm morada nas comunidades rurais, procurarem alguns homens e mulheres (sejam da família ou fora dela), que são conhecedores destas combinações: raizeiros, benzedeiros, mães e pais de santo. (SILVA, 2007).

Observa-se, entretanto, similaridades nos dois contextos quanto ao uso do preservativo, pois, entre os rapazes, a recusa está associada à diminuição do "prazer" no ato sexual, assim como, a ansiedade em não perder uma oportunidade de concretizar o ato, por não se estar prevenido. Entre as moças, nos depoimentos, sobressaem os embaraços quanto a iniciativa de exigir o uso da "camisinha", mas talvez este esteja mais presente entre as moças do município de Rosário das Almas. Na Aldeia Alentejana, acompanhei o caso de uma rapariga que teve sua primeira relação sexual aos 14 anos, sem utilizar nenhum contraceptivo. Essa experiência foi seguida da compra e do uso da "pílula do dia seguinte". Será que este é o contraceptivo mais utilizado pelos jovens desta Aldeia do Baixo Alentejo?

É importante sublinhar que, sobre o medo da gravidez antes do casamento e em se tratando, principalmente das jovens que procedem das comunidades rurais, em Rosário das Almas, há uma certa recorrência em dizerem que não olham para o corpo masculino, sobretudo para o pênis do rapaz quando vão manter relações sexuais. E, por outro lado, alguns rapazes também não assumem como sua, a responsabilidade nos cuidados para com a prevenção de uma gravidez e das DST/aids, donde

¹⁰ O riso veio mesmo para marcar o tom jocoso, assim como, para exaltar a virilidade. Cabe observar que noutra extremo, o entrevistado (de 22 anos) quis chamar atenção para o imaginário que talvez ainda perdure, tanto na Aldeia como fora, entre cidadãos vivendo em centros mais urbanizados, acerca da primeira relação sexual de rapazes que vivem em meio rural, com o seguinte comentário: "Foi com um cabra" (risos).

¹¹ Dependendo do laboratório, tal medicamento pode custar em torno de €12,00 (doze euros, mais ou menos). Valor que não é difícil os jovens da Aldeia terem ou virem a conseguir. Em Portugal é possível adquirir métodos contraceptivos e de contraceção de emergência gratuitamente, uma vez que é direito ao planeamento familiar assegurado pela Constituição Portuguesa na Lei nº 3/84. No Brasil, a Constituição Brasileira (1988) assegura o direito ao planeamento familiar por meio de um conjunto de ações e assistências às mulheres e à família, na concepção e contraceção.

se pressupõe que fica ainda mais difícil a negociação entre os jovens acerca dos cuidados que devem ter; sobretudo, quando ainda se está descobrindo o próprio corpo e, mais, não se tem domínio da linguagem com que se expressará uma dúvida ou um receio. Ao mesmo tempo em que estão, muitas vezes, reféns de "... emoções que se adiantaram ao conhecimento da situação, e por isso LeDoux lhes chama emoções pré-cognitivas" (RIBEIRO, 2003, p. 47), aliadas a um forte pensamento de que se está imune a qualquer tipo de doença, principalmente a aids, pois se está tendo um comportamento heterossexual ou se diz hetero.

Cabe, portanto, a observação de que é na linguagem do cotidiano que, desde a infância, rapazes e moças vão sendo orientados para suas condutas e comportamentos com relação ao sexo e que, também, se vão construindo suas orientações sobre masculinidade e feminilidade. Como bem observa Richard Parker (1991) por intermédio das "expressões, termos e metáforas" que são utilizadas para se referir ao corpo e suas práticas é que as crianças aprendem e descobrem os sentidos associados ao masculino e feminino que se dão como simples fato da natureza: as diferenças entre o pênis e a vagina. (BOURDIEU, 2002; HÉRITIER, 1998).

À medida que os rapazes que vão tendo mais experiências sexuais ou conversando com outros rapazes mais velhos passam a julgar os comportamentos das moças, bem como, a avaliar suas partes íntimas, percebe-se que para os jovens os corpos femininos são alvos de avaliação e, portanto, nesse tipo de experiência não há o tabu do sexo, tampouco do corpo. Desta maneira, o ato de comentar diz da própria necessidade de se autoafirmar perante os pares como alguém que tem experiência e potência sexual, e, também, uma vez que falam, os rapazes aprendem com outros rapazes novas formas de seduzir, de atrair outros corpos para si, além de testar seu próprio conhecimento sem se expor ao crivo do outro. Referir-se a uma jovem como "vaca", talvez uma forma de fazer alusão à passividade deste animal comparando a mulher, e a vagina como "caverna", "grande", "arrombada", todas essas referências sinalizam para o ato da penetração e de um relativo desvendar de um órgão que pode lhes parecer misterioso. Mas, uma vez rompidas as barreiras da castidade do corpo da moça, "delimitada da cintura" para baixo (BOURDIEU, 2002), esta passa a servir de exemplo para a performance de afirmação masculina e lhe é atribuído o nome pejorativo - "vaca" -, fruto da moral local.

Assim, no corpo masculino, o pênis exerce um papel fundamental que é o de representar o prazer compreendido enquanto potência, logo,

virilidade, na contrapartida da inferioridade anatômica feminina. (BOURDIEU, 2002). Deste modo, vê-se que as representações individuais dos rapazes encontram correspondência no plano coletivo do pensamento do grupo social, uma vez que estas também refletem o que lhes é transmitido por meio do processo de socialização. As dificuldades em falar sobre os temas relacionados ao sexo, ao corpo e seus fluidos não é prerrogativa apenas das jovens com pouca escolaridade e que têm pouco trânsito e convívio com outros jovens que estão na sede (área urbana do município de Rosário das Almas). Ao contrário, tal dificuldade pode refletir um padrão de educação familiar em que o desenvolvimento da sexualidade acontece como um segredo com que sempre se tem que tomar cuidado para não ser revelado, principalmente para as moças das comunidades rurais como, por exemplo, a permanência do tabu em torno do sangue menstrual. Novamente repondo matizes comportamentais correspondentes ao que é do feminino (privado) e ao que é do masculino (público), e do sexo vivido como um segredo. (FOUCAULT, 1988).

5 Marcas silenciadas

Há que ser consideradas também, dentre tudo isso que está relacionado ao corpo feminino, as marcas por violação ou agressão. Houve um momento em que a pesquisadora esteve com mulheres grávidas que iam dos 17 aos 39 anos de idade, no Centro Médico do município do Vale do Jequitinhonha. Era dia de exames de pré-natal e o que vi foram muitos corpos roliços, barrigas nos seus vários meses de gestação e pernas inchadas. Dez mulheres cujos olhares distantes eram de preocupação ou de apreensão; e houve momentos de revelações à pesquisadora: como a marca de um ferimento que cicatrizava numa das pernas de uma das gestantes que estava de sete meses.

A enfermeira verificou se o ferimento da perna da gestante já estava melhor. Depois da confirmação da enfermeira de que tudo estava bem, tanto com a criança quanto com o ferimento que cicatrizava, a gestante sorriu e me pediu que tirasse uma fotografia sua para guardar de recordação. Assim o fiz. Após sua saída da pequena sala, fui informada de que tal ferimento em sua perna se originou quando ela tentava fugir do marido pela janela. Naquela altura, contou-me a enfermeira, a gestante estava com cinco/seis meses de gestação. O motivo da tentativa de fuga: o marido ao saber que a mulher esperava um menino e não uma menina, como era de sua vontade, tentou agredi-la. Como se a mulher tivesse algum controle ou domínio sob a realização do desejo do marido quanto à escolha do sexo do bebê.

Deste modo, talvez seja importante a observação de que, nem sempre, a gravidez é considerada “alegria do casal” ou, ainda, gravidez é sinal de união. Um histórico de violência doméstica da qual ainda se tem pouco conhecimento. É imperativo registrar que, nem sempre, moças e rapazes, homens e mulheres de origem rural vivem experiências positivas ou iniciam a vida sexual, propriamente, movidos pelo prazer e afeto. Ao contrário, podem eventualmente viver experiências de violência, dor, constrangimento e vergonha do corpo que foi violado, agredido e, nos casos extremos, mutilado ou morto.

Muitos corpos acabam por não espelharem as marcas dessas dores, se pensar sobre uma experiência que é um sentimento de constrangimento, vergonha, mas se formos buscar indagando, convivendo e observando chega-se às confirmações, por exemplo, como no depoimento de uma moça (17 anos, de comunidade rural morando temporariamente no núcleo urbano e trabalhando como empregada doméstica) que viveu a experiência de ser abordada por seu patrão para que mantivesse relações sexuais com ele. A partir daí passa a sentir vergonha da dona da casa, do filho do casal que também é um jovem de sua faixa etária. Teme contar para a mulher do patrão, sua patroa, e não ser acreditada; contar para a mãe e a mãe força-la a deixar o núcleo urbano, retornar à comunidade rural e abandonar os estudos.

Todavia, tais sentimentos como o de vergonha, dor, perdas podem vir em decorrência de uma dor mais traumática, como a do estupro, do abuso sexual e do aborto. Alguns boatos sobre moças que praticaram abortos são recorrentes no município. Nestes conteúdos, as marcas que denunciam um aborto são biológicas: a palidez estampada na face, a magreza do corpo. Houve comentários que diziam da tristeza dos olhos de fulana ou de sua “sem graça” (estado de quem está sem graça). No caso de Rosário das Almas, portanto, “os sinais alterados do corpo da mulher”, na maior parte das vezes, são bastante observados principalmente porque observar o corpo – tanto de rapazes e moças – é acompanhar suas transformações, mas, muito mais porque estão interessados em controlar seus comportamentos, sobretudo no que diz respeito à sexualidade. (SANTOS; AGUIEIRO, 1999, p. 105).

Entretanto não posso deixar de mencionar sobre um de meus últimos campos, mais precisamente, a última viagem realizada a Rosário das Almas em que a confirmação – pública – de alguns boatos sobre casos de estupro e incesto ganham verbo em bocas de pessoas que trabalham com as crianças, os jovens e as famílias; ou seja, assistentes sociais trabalhando dentro da prefeitura local. Trata-se de um caso de estupro seguido

de gravidez e morte das crianças. Sem pormenores o caso me foi relatado assim: em uma das comunidades rurais de Rosário das Almas, duas mulheres são estupradas. Uma adulta e outra jovem, mãe e filha que foram estupradas por um mesmo indivíduo. A ocorrência do estupro não se dá em conjunto, tampouco a confirmação “pública” deste ocorrido de violência não acontece em tempo simultâneo.

Após o ocorrido e passado algum tempo – talvez do apaziguamento da dor e da vergonha – e com a confirmação pública da gravidez de mãe e filha, a indagação (por parte da agente de saúde responsável por acompanhar a comunidade) sobre quem seriam os pais das crianças, traz à tona a revelação do ato de violação. A partir daí crescem os comentários acerca do assunto. As crianças nascem, em períodos próximos, porém, as mães (mãe e filha) iniciam um movimento silencioso de negação e abandono das crianças, uma vez que passam a não alimentá-las. A agente de saúde preocupa-se com o estado dos corpos das crianças que aparentam desnutrição. A partir disso, a assistente social passa a insistir na alimentação dos bebês e também a fazer doações de alimentos para fortalecimento dos mesmos; porém, tal iniciativa foi em vão, pois, muito possivelmente, as mães das crianças os recebiam, porém não os davam aos filhos. Disse uma das assistentes sociais à pesquisadora que com a idade de, aproximadamente cinco meses e alguns dias faleceu um bebê seguido do falecimento do outro.

Este caso chamou a atenção dessa assistente social que trabalha há muito tempo com os moradores das comunidades rurais do município, pois, segundo ela, foi surpresa perceber que para muitos moradores da comunidade, quando ela os indagava sobre o “descaso” e “desinteresse” das mães para com os bebês a ponto de levá-los à morte, se justificava porque, de certo modo, aquelas crianças não foram “desejadas”, não foram frutos de um ato natural. Portanto, era natural que não vingassem.

6 Considerações finais

Assim, não tenho a pretensão de ir a fundo nos domínios de uma discussão sobre a violência e a violência doméstica tão presente nos campos brasileiros e na sociedade brasileira em geral (não menos na sociedade portuguesa); sobretudo porque quando tais desdobramentos das experiências da sexualidade destes moradores se descortinaram à pesquisadora, já era o momento de finalizar as pesquisas de campo no Vale do Jequitinhonha. Por isso, e reconhecendo a delicadeza e a gravidade destas questões, penso que necessitariam de mais campo etnográfico, talvez uma outra pesquisa; porém, nesta oportunidade elas permanecem

no estágio de registro. Não obstante, ressalto que a questão do comportamento machista, tanto no município de Rosário das Almas, mas, também, em contextos como o da Aldeia Alentejana (embora ainda necessite de maior aprofundamento na análise dos dados), contribui para aumentar as estatísticas de problemas que acabam por estar diretamente relacionado com a sexualidade, mas tratados e problematizados pelo viés biológico, logo, questão da saúde pública, sobretudo pelo que diz respeito à prevenção ou tratamento das DST (doenças sexualmente transmissíveis) / aids.¹²

Por isso, sublinho a importância de conhecermos os contextos socioculturais dos quais emergem os aspectos das emoções e sensorialidades nos quais estão inseridos os sujeitos sociais, alvo de nossos discursos acerca dos direitos humanos. De tal sorte que mais do que informar e dar acesso aos serviços de saúde, estes se insiram na vida cotidiana dos cidadãos e cidadãs, principalmente os que estão em situação de precariedade socioeconômica, vulnerabilidade emocional e de relações desiguais de gênero. Contribuindo para o processo de interiorização dos direitos e a possibilidade de se pensar e tratar a saúde e o bem-estar como um "meio". Assim, corpo-prazer-saúde, talvez, seria uma das dimensões da relação social contemplados por intermédio do "cuidar" de si e do outro. Nestes termos, estaríamos implicados no reconhecimento dos valores morais e das representações que temos sobre o sexo, o corpo e a saúde, e que insidem em nossas emoções, inseguranças e desejos, principalmente quando nos vemos também constrangidos, em distintos tempos e espaços, no âmbito das relações, por questões de cor, classe, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual. Em outras palavras quero salientar que, concomitante aos estudos e campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis/aids, gravidez indesejada, cabe a nos, profissionais que atuam junto ao humano, nos voltarmos também para os nossos próprios preconceitos, inseguranças e medos, bem como para os nossos desejos. Desta feita, no confrontar dos nossos constrangimentos, provavelmente estaremos construindo uma maneira mais honesta e menos verticalizada nas relações.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹² Numa divulgação recente sobre dados de uma pesquisa realizada pela organização não governamental Promundo (Brasília) sobre o machismo entre os jovens brasileiros, a pesquisa indicou que a violência não pode ou deve ser vista como um comportamento exclusivo ou diretamente associado às regiões pobres do Brasil. Conforme dados, "25 por cento dos homens entrevistados relataram ter-se utilizado da violência física contra mulheres em relacionamentos recentes". Fonte: NERY, Natuza. Machismo prejudica a saúde dos jovens, indica pesquisa. *Yahoo! Notícias*, [S.l.], 26 abr. 2004.

ALMEIDA, M. V. de. *Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Obras Escolhidas, v. 1).

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2002.

BOZON, M. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHAUÍ, M. Laços do desejo. NOVAES, A. (Org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990. p. 19-66.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. V. 1.

GALIZONI, F. M. *A terra construída: família, trabalho, ambiente e migrações no Alto Jequitinhonha, Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado)–Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

GRIMBERG, M. Iniciación sexual, prácticas sexuales y prevención al VIH/SIDA em jóvenes de sectores populares: um análisis antropológico de gênero. *Horizontes antropológicos Sexualidade e Aids*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 47-75, jun. 2002.

HEILBORN, M. L.; BRANDÃO, E. R. Introdução. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos Sexualidade e Aids*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 13-45, jun. 2002.

HÉRITIER, F. *Masculino/Feminino: o pensamento da diferença*. Instituto Piaget: Lisboa, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE) (Brasil). *Mulheres e homens em Portugal nos anos 90*. Lisboa, 2002.

JAGGAR, A. M. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: _____; BORDO, S. R. (Ed.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 157-185.

JARDIM, D. F. Performances, reprodução e produção dos corpos masculinos. In: LEAL, O. F. *Corpo e significado: ensaios de antropologia social*. Porto Alegre: UFRGS, 2001. p. 189-201.

LEAL, O. F.; FACHEL, J. M. G. Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais. In: HEILBORN, M. L. (Org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 96-116.

NERY, Natuza. Machismo prejudica a saúde dos jovens, indica pesquisa. *Yahoo! Notícias*, [S.l.], 26 abr. 2004.

PAIS, J. M. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, 1991.

RIBEIRO, A. *O corpo que somos: aparência, sensualidade, comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003.

SANTOS, C. S. dos; AGUIEROS, G. H. O corpo e a intimidade: os espaços do constrangimento. In: MARTINS, J. de S. (Org.). *Vergonha e decoro na vida cotidiana da metrópole*. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 105-122.

SANTOS, M. O lugar e o cotidiano. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002. p. 313-330.

SCOTT, J. W. Experiência. In: SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O. (Org.). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Mulheres, 1999. p. 21-55.

SILVA, S. P. da. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. *Caderno Cedes: Educação, Adolescências e Culturas Juvenis*, Campinas, n. 57, p. 23-43, ago. 2002.

SILVA, V. A. da. *As flores do pequi: sexualidade e vida familiar entre jovens rurais*. Campinas: CMU-Publicações: Editora Arte Escrita; São Paulo: FAPESP, 2007.

_____. *Sertão de jovens: antropologia e educação*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção questões da nossa época).

VALDÉS, X. Masculinidad en el mundo rural: realidades que cambian, símbolos que permanecen. In: OLVARRÍA, J.; PARRINI, R. (Ed.). *Masculinidades: identidad, sexualidad y familia*. Chile: FLACSO, 2000. p. 29-46.

WOLF, M. *Sociologia de la vida cotidiana*. 4. ed. Madri: Cátedra, 2000.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Educ, 2000.